



PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR



Escola Nacional de Formação Jose Adelar Nunes

Recife – PE de 25 a 30 de Julho de 2011

Relatoria: Ana Cácia, Alzianny e Rúbia Nascimento.

Começamos com André Fidelis fazendo a acolhida dos e das participantes e falando sobre as orientações práticas referente ao local, logo após ele fez a apresentação dos estados representados na escola e falou sobre a proposta das noites.

Todos foram acolhidos com uma dinâmica de apresentação onde se acolhia, dava espaço e seguia em frente. Claudia e Redelson falaram um pouco sobre a proposta da escola e o seu objetivo, enfatizando o nosso olhar sobre as questões sociais em todos os âmbitos da sociedade.

Claudia enfatizou que é necessário pensar na formação como um todo e não como parte isolada em especial na formação do ser (orientação sexual em todos os seus âmbitos) Comentou também sobre a dinâmica realizada na escola anterior. Claudia - falou que é fundamental perceber que estamos no processo de construção como também a importância de se perceber que essa construção é cheia de erros e acertos.

Ailton perguntou se a primeira etapa da Escola Nacional foi avaliada e pediu para que falasse um pouco sobre essa avaliação. Rúbia falou um pouco sobre o processo avaliativo e como ele se deu.

Foi feito uma dinâmica onde lemos o Poema Direito de Sonhar e em seguida cada um e cada uma escreveu um texto falando sobre seus sonhos, logo após foi os sonhos ilhados. Depois tivemos um momento pra ler cartinhas de participantes e membros da coordenação da Escola que não puderam participar. Redelson propôs que os e as cursistas fizessem um cochicho sobre o que entendem do tema: juventude e organização popular.

Grupo 1(Lilene Luna, Daniela Fideles, Ana Cácia e Eric):

Entendemos a organização popular como um meio de luta pelos ideais e sonhos. São espaços feitos a partir de diversas formas de organização juvenil que estimulam o debate e que criam oportunidade para os jovens se expressarem,

partindo do seu cotidiano promovendo assim a luta e a ação concreta. É também espaço de celebração, vivência partilhada, de construção de estratégias e de troca de conhecimento.

Grupo 02 (Suane, Íris e Taiane):

Entendemos que na medida em que os jovens percebem que as suas necessidades e seus anseios são os mesmos, nasce outra necessidade que é a de união e organização entre eles, pois sabem que se torna mais fácil lutar pelos seus objetivos em conjunto.

Grupo 03 (Ailton, Jhonny e Tiago):

- Inserção da juventude com ações voltadas ao povo;
- Discutir a organização da sociedade, nos posicionar nas lutas sociais;
- Estar presente nos espaços em que se discuta a vida da juventude e da sociedade como um todo;
- Campanha nacional contra a violência e extermínio de jovens;
- Conferência da juventude: municipal, estadual;
- CEB'S;
- Responsabilizar-se pelo outro e com a sociedade;
- Aproveitar os espaços (setor, conselhos, associações, sindicatos) para debater as cicatrizes.

Grupo 04 (Thais, Vanessa, Alessandra, Neyl e Elton)

- Relação juventude, trabalho – vida social;
- Crise: falta de credibilidade;
- Descrenças dos resultados das lutas das organizações populares;
- Relação família;
- Associar a vida particular da vida social;
- Associar o jovem ao processo social da qual faz parte;
- Lutar pela coletividade dos direitos;
- Vivenciar a PJMP nos espaços que vivem;
- Sensibilização das organizações, com as lutas diversas.

Grupo 05 (Paulinho, Eliene, Nina e Márcia):

Que a juventude está organizada mesmo sem se dá conta, sem ter uma causa. E o potencial de transformação que ela tem e não é percebido, onde a juventude não está sabendo usar esse potencial transformador e organizacional a seu favor.

Grupo 06 (Alzianny, Edenildes e Geovane)

São jovens protagonistas da ação que hoje atua nos movimentos sociais, associações, grêmios estudantis, campanhas e essa organização é o reflexo e a vivencia da pratica de tudo que é estudado, refletido e discutido nos encontros de base, conferencia, escola da PJMP. As organizações populares surgem da necessidade de reivindicação dos direitos da classe popular que se estende a toda sociedade, pois sabemos da falta de políticas publicas para a juventude, mulheres, entre outros.

Grupo 07 (Lidiane, Dênis, Lauro, Paulo):

A juventude atualmente tem sido o alvo de interesses diversos, como por exemplo, modismo, perseguidos porque se informados e conscientizados podem se fortalecer para transformar a realidade. A PJMP tem missão de combater as forças opressoras e injustas da sociedade em especial frente à juventude do meio popular.

Terminada a socialização dos grupos passamos para o facilitador Mauro Kano, onde nos falava um pouco sobre o tema Juventude e Organização Popular, que são espaços feitos a partir de diversas formas de organização juvenil que estimulam o debate e no mesmo criam-se oportunidades para as juventudes se expressar a partir do seu cotidiano e promover uma linha de pensamento critico possibilitando que as juventudes se organizem e toda organização tem mesmo que seja inconsciente uma condição muito mais ampla de perspectivas de agrupamentos.

Essa escola não é uma coisa que você encontra em qualquer lugar, faz mais de 30 anos que o povo não tem uma formação de fé e política, e essas duas palavras são as duas faces da mesma moeda.

Entrando no tema: Entendo eu que temos cinco objetivos para com a escola, quando fazemos parte de uma organização todas as atividades são para ajudar no processo formativo, e cada ação tem que ter algum acúmulo daquilo que fiz em cada pessoa, senão gastamos dinheiro atoa, tempo dentre outros coisas.

Objetivos:

1º Profissionalização- o que significa essa palavra? No sentido que estou falando é no do não amadorismo, pessoa que vai criando da sua cabeça, é no sentido de que todas as coisas que fazemos não pode ser feita de qualquer jeito, tem que ter compromisso.

2º Capacitar- toda escola deve capacitar para fazermos uma análise de conjuntura correta.

3º Mística - é a nossa relação com o mistério, quando a gente começa a explicar a mística ela perde o seu sentido, pois ela é vivenciada e sentida e não explicada, quanto menos palavras, mas místico é. Mística é a palavra que nos move a agir.

4º Organicidade- os cristãos tinham tudo em comum, um só corpo e uma só alma isso é organicidade, a escola nacional é para termos o mesmo espírito no país inteiro. A PJMP para ser orgânica tem que ter essa escola de formação para passar na gente o mesmo sangue, a organicidade é essencial para podermos ter uma só mística e uma só alma, nós temos que ter organicidade.

5º Incidência – significa a gente agir no nosso meio. A cada etapa que participamos, temos que mudar a nossa realidade o meio em que estou inserido, se não mudar é porque a escola foi fraca. Para assumir um tarefa grande eu tenho que ter capacidade, se eu não tenho ainda vou construir o caminho para ter essa capacidade. Se eu não sou capaz de carregar a juventude do meu lugar, tenho que fazer outra tarefa porque não sou militante ainda para executar tal tarefa.

Sabemos que as CEB'S tiveram um lugar importante na história do Brasil, porque as CEB'S perdeu essa força que ela tinha? Por causa das discussões locais.

Tarefa concreta:

Dar organicidade a PJMP,

Juventude do meio popular, quem são? Os e as jovens excluídos/as, empobrecidos/as, a juventude que trabalha nas fábricas, a juventude que trabalha

no campo. Quantos são no Brasil os e as jovens empobrecidos/as? A PJMP tem que influenciar e melhorar a vida de 70 milhões de jovens, essa é a missão da PJMP.

Depois desse momento cantamos a música “A pirâmide” (não é possível construir uma economia solidária a partir do capitalismo), Mauro Kano nos falava que na base não se pode viver, apenas se sobrevive. Esta pirâmide foi pensada, ela não é espontânea, foi construída a partir de uma ideologia. A leitura que vamos fazer da realidade não pode ser aquela imposta pelo “topo” da pirâmide, ou a base faz essa leitura ou não será feita. Para acabar com a pirâmide é necessário organização.

Logo em seguida fizemos um cochicho sobre:

1. *Ou o povo luta, ou morre!! Não existe meio termo.*
2. *Quais as diversas formas de luta?*
3. *Qual é a ideia que temos de formação?*
4. *Organicidade;*
5. *A luta de libertação hoje!*

A sociedade que vivemos é baseada na exploração, é preciso lutar. A juventude é a fase da vida em que as pessoas preferem lutar a morrer, isso é um potencial para transformação.

Qual o papel da PJMP e da juventude na sociedade?

Socialização do cochicho: Mudar a realidade, fazer as juventudes se reconhecer como parte oprimida da pirâmide. Em relação à juventude na sociedade, hoje? Para sociedade a juventude é vista para mudança. Temos o poder transformador, ser mais uma organização que vai colaborar na transformação da sociedade e da igreja é protagonista da história. Nosso papel é revolucionar a sociedade porque a juventude está menos adaptada a ela, um meio de levar a juventude a se questionar. Do mesmo jeito que a gente pensa a juventude aqui, o outro lado pensa seu papel também de como usá-la para manter o sistema como está. Temos que questionar, propor, indagar, anunciar e incomodar as estruturas, sair do sufoco juntos. Não precisa acontecer comigo para que eu me mobilize, esse é o grande diferencial da PJMP, ela tenta sarar as feridas que o capitalismo deixa.

Mauro Kano diz que a juventude é o foco desta sociedade porque dela vem a força do trabalho, e enquanto a gente trabalha pra juventude ser sujeito, o capitalismo trabalha para ela ser objeto. O sistema capitalista se aproveita das estruturas da sociedade para fortalecer-se. O Estado serve pra controlar as desigualdades que existem, assim se estivéssemos numa sociedade igualitária não precisaríamos de Estado.

Mauro diferencia o que é legal (está na lei) do que é legítimo (reconhecido pelo povo). Temos que fazer nossa luta a partir do que é Legítimo. Não basta ter boa vontade é preciso saber a direção que se quer seguir. Aqui está a tarefa da PJMP, porque atualmente há poucas escolas de formação política, há uma grande tarefa para cumprir: conduzir aqueles de boa vontade na direção da transformação. Burocracia é quando tem “papel”, mas ele não tem espírito. O que dá sentido a uma organização é sua luta e não o contrário. A PJMP existe por causa da luta popular, para encontrar os amigos podemos fazer isso em outro lugar, para estar na PJMP é necessário estar comprometido com a luta popular. Essa organização popular tem várias formas de ser (MST, grupo de teatro, associação de bairro, entre outros) e se organizar. Qual é o nosso tipo de organização popular? Para responder essa pergunta nós temos que ter certo o nosso objetivo.

Depois fizemos a leitura do material: ***Ferramentas da Organização Popular:*** as diversas formas de luta (movimento de massa, movimento assistencial, movimento de luta econômica, movimento popular, movimento político, interdependência). Em diferentes momentos o movimento pode passar por estas diversas maneiras, quando e se necessário for, mas é imprescindível que não deixe de ser sempre político.

Na Terça-feira começamos o dia com uma mística e logo após tivemos o trem da juventude fazendo memória do dia anterior (25/07). Em seguida Mauro Kano deu continuidade a seu bloco, cantando a música “Eu quero ver acontecer”. Após todos cantarem a canção Mauro Kano explicou o que a música quer nos dizer, onde mostra que é um desejo de muitos verem um sonho bom acontecer, um mundo de igualdade e justiça. Mauro indagava se os e as jovens estão preparados para fazer este sonho virar realidade, e afirma que se não movimentar a base é difícil mudar o sistema, relembra também da leitura feita na mística inicial onde se fala da

desconstrução do templo, para reconstruí-lo novamente, logo é preciso reencarnar esse Jesus Libertador, e destruir nosso sistema de acomodação social para reconstruir uma sociedade de paz.

Mauro pega a ultima parte da canção pra visualizar como a juventude deve refletir e caminhar, a partir do trecho da música que diz: sonho que se sonho só pode ser pura ilusão, sonho que se sonho junto é sinal de solução, então vamos sonhar companheiros, sonhar ligeiro, sonhar em mutirão. Reforçando assim a importância da juventude trabalhar unida para alcançar seus ideais.

A Pastoral deve sempre manter a organicidade, pois somente a juventude organizada pode colocar em prática seu anseio por transformação, no dia anterior foi estipulado um número de 70 milhões de jovens existentes no Brasil, mas quem destes é da PJMP? Então Mauro, diz que com 1000 jovens articulados na pastoral com garra e disposição e ousadia, já seria suficiente para iniciar uma pequena, mas progressiva mudança nesta juventude de 70 milhões. Mauro trás um trecho bíblico que relata a história de Sodoma e Gomorra, para o debate.

A PJMP se encaixa dentro de um grupo organizado pequeno em relação aos 70 milhões de jovens, porém quanto mais tivermos convicção do que fazemos e queremos, mais encontraremos pessoas dispostas a caminhar na nossa direção, para podermos concretiza os objetivos da PJMP.

Quando falamos da nossa tarefa de organicidade da PJMP, se for falar de quem realmente podemos contar, se conta a dedos quem realmente temos na luta, olhar para trás, não podemos desanimar porque somos a minoria, pois essa minoria tem o dever de convencer a maioria, essa é a nossa função.

Quanto mais a gente tem certeza do que estamos fazendo, iremos encontrar pessoas no caminho que se anime com a nossa causa, a nossa tarefa é buscar pessoas para a PJMP.

Em seguida Mauro pede para que todos/as possam ler o ponto 3 da folha de texto, que trata da Organicidade começando com:

O que é militante?

O texto diz que: Militante é alguém que se compromete com uma causa justa. A participação na luta popular e a reflexão constante formam o caminho para alguém continuar militante. Mauro fala também a forma como se compõe uma equipe de militantes para coordenar a PJMP, nós temos que escolher quem vai fazer parte da

nossa equipe, comenta que para acompanhar Jesus e serem seus discípulos, tiveram critérios para segui-lo, tanto que o homem rico que queria segui-lo seu critério foi ter que se libertar dos seus bens materiais..

Mauro fala que quando nós não damos critérios, damos espaço para os oportunistas, assim como alguns partidos políticos. Para ser militante a pessoa tem que ter critérios e jamais o militante poderá se aproveitar do espaço para autossatisfação.

Três são os critérios para ser militante:

1º Disponibilidade- Tendo tempo, dedicação, colocando a militância como prioridade em sua vida.

2º Capacidade- A principal tarefa do militante é fazer o grupo de base andar, se ele não faz isso é porque não é militante.

3º Merecimento (Reconhecimento) - Não existe militância sem grupo de base. Se o militante não tem essas coisas, de fato não é militante. Nós só temos organicidade quando estamos prontos para trabalhar, a organicidade prepara sua organização para acontecer sua lutar na hora certa e precisa ter uma estrutura que facilite o nosso trabalho, quando ela prejudica é porque está na hora de mudar.

Para ter organicidade temos que:

1º fazer a escolha criteriosa de seus participantes;

2º investir na sua qualificação;

3º construir um tipo de organização capaz de exercer sua função na função.

Cada pastoral tem sua bandeira específica de luta, como que a gente vai ligar o nosso trabalho de juventude específico com a bandeira geral?

Qual é a tarefa do militante na Organização?

Militante tem que estar na base, observar as necessidades, transformar aquela realidade. O trabalho de militante na base é essencial é mais que fazer reunião é está inserido na comunidade levantar os problemas, mobilizar os grupos para agir perante esta situação.

Não é qualquer um que pode ser militante e não são os militantes veteranos que devem observar e verificar quem realmente tem a capacidade. Militante é aquele que é capaz de ler a realidade e transformá-la.

É preocupante quando os militantes se deixam corromper, e perde a paixão pela mudança e do protagonismo juvenil. O militante precisa trabalhar na base, senão ele vira um militante burocrático, pois sem a base ele não tem trabalho voltado para o povo.

Qual é tarefa do dirigente?

Devemos lembrar que ele tem que ter os mesmos critérios do militante mais a sua disponibilidade tem que ser maior que a do militante, para ser dirigente tem que ter disponibilidade total e sua capacidade tem que ser muito maior, pois sua tarefa é dirigir a organização como um todo e o reconhecimento de todo mundo (base e militantes) quando a gente tem organicidade a gente não escolhe a pessoa porque ela quer, mas porque ela tem capacidade, merecimento e disponibilidade total e são escolhidos pelos nomes. Dirigente tem que saber dirigir, saber ler a conjuntura corretamente e elaborar a luta do movimento,

O que é base?

Alguns responderam que é o alicerce, quem mantêm o capitalismo é a base e não a elite, a elite na sua maioria só se apropria, são os trabalhadores que produzem a riqueza dos patrões, base significa essas pessoas que constroem a sociedade, se faz necessário mudar a pirâmide para mudar esse sistema opressor.

A tarefa da igreja é evangelizar para o reino e ele é para todo mundo. O mesmo acontece com PJMP, pois o nosso trabalho é para fora e não para dentro, se não fizermos isso iremos acabar brigando entre nós mesmos que estamos dentro. A tarefa da PJMP é atingir a massa e é por isso que todo o nosso trabalho é formativo. Na organização popular o voluntarismo é perigoso, pois qualquer pessoa pode fazer o trabalho de base.

O trabalho de base é para despertar a força que sua base tem e não para domesticá-la, a gente só faz luta onde está acontecendo à exploração e nossa agenda tem que ter a metade do tempo para luta e não só para reunião e é na luta que o companheirismo cresce.

Às vezes chamamos para lutar o povo não vem , mas quando sente a fome ele aparece o mesmo acontece com as questões de moradia digna. O trabalho de base é com as pessoas da sociedade e não para com elas, o trabalho tem que ser de cima para baixo, para poder ter uma organização na hora de fazer. A avaliação da escola é prática que os cursistas irão fazer depois dela e a tarefa concreta dos cursistas é dar organicidade a PJMP desde a base até sua militância. A finalidade do trabalho de base é despertar a força que sua base tem.

O grande só é grande, porque nós estamos de joelho. Quando a fome dói, qualquer pessoa entra na briga. Sentindo na vida que pode, o pobre entende que vale; depois que a canga sacode, não há patrão que o cale. Se o boi soubesse a força que tem, ninguém o dominava. A liberdade será obra da própria classe oprimida ou não haverá libertação. Fazer é a única forma de mostrar que é possível transformar o mundo. É preciso ter os pés no chão e a cabeça nas estrelas.

Só a pessoa oprimida pode libertar-se e, ao libertar-se, liberta também seu opressor. Os ricos só se entregam quando perdem e os pobres só ganham quando lutam. Companheiro ou companheira é irmão ou a irmã que a gente escolhe. Eu acredito que o mundo será melhor, quando o melhor que padece acreditar no menor.

Assim se encerrou o bloco facilitado por Mauro kano, com agradecimentos e abraços. Logo após Guilherme trouxe as notícias mais importantes dos estados, depois disso Redelson retoma como surgiu a vontade de realizar a escola, que partiu da 14ª assembleia da PJMP em Bom Jesus da Lapa em 2009, foi sugerido o Estado de Goiás onde este também tiveram o desafio de assumir a estrutura, mas com todo o esforço foi realizado. O primeiro bloco da escola trabalhou o tema: Fé e Política, 2º bloco, Análise de conjuntura, que falou sobre as estruturas das sociedades, 3º bloco Juventude e mística, 4º bloco Questões sociais, 5º bloco foi realizado com o tema: Relações Humanas eram pra ter sido realizado 03 oficinas sendo que só foi realizada uma, o teatro do oprimido. Tínhamos 17 jovens e o local era mais isolado. A primeira etapa aconteceu no em Goiânia. Logo após vimos o vídeo com as fotos e experiências da primeira etapa.

Em seguida recebermos o Bispo da arquidiocese de Recife e Olinda: Dom Fernando Saburido que nos falou sobre a sua atuação e sobre as dioceses que já assumiu, é importante ressaltar que é filho da terra que nos acolhe. Dom Fernando

nos falou que tem a impressão que a arquidiocese de Recife Olinda é a primeira que tem a comissão para juventude, essa comissão foi criada pela CNBB.

Também nos falou sobre os jovens que irão para jornada mundial e a expectativa que está sendo para igreja. Deu-nos muito apoio e falou que espera que a PJMP cresça cada vez mais e que a PJMP é importante para o Brasil como um todo. Agradecemos a participação de Dom Fernando na Escola e seu apoio.

Em seguida Claudia deu continuidade aos trabalhos fazendo memória a sua fala do dia anterior, e pediu para que os mesmos grupos se reunissem novamente e analisasse o que eles escreveram em relação ao tema, para que eles pudessem perceber a mudança e fez duas perguntas: *O que mudou de ontem para hoje? Quais conhecimentos foram adquiridos?*

Colocações dos grupos:

Grupo 01 (Lilene Luna, Daniela Fideles, Ana Cácia e Eric Moura):

Agora percebemos que organização popular é uma forma da população oprimida mudar sua situação o poder não é para o povo, é do povo! Houve uma nitidez do conceito de organização popular e em como nos vemos inseridos nesse processo. Identificamos então a PJMP como uma organização popular da juventude para a juventude

Grupo 02 (Suane, Íris e Taiane):

No início pensávamos somente na organização dos jovens que surgia por alguma necessidade, mas ao decorrer da escola vimos que não adianta só se organizar, e sim ter em que ser profissional, ter conhecimento, ser militante e trabalhar nas bases. E ter qualidade no que faz.

Grupo 03 (Ailton, Jhonny e Tiago):

- A leitura da realidade -> tendo em vista todo o processo que à antecede
- Exposição dos desafios atuais
- Conjuntura: conjunto da estrutura (moldada, pensada, processos, mudanças)

Grupo 04 (Thaís, Vanessa, Alessandra, Neyl e Elton):

- Conciliar o trabalho com a vida social e pessoal; dedicar-se por inteiro ao movimento (PJMP), fugindo e rebelando-se ao escravismo e a opressão. Temos que reconhecermos e fazermos os demais jovens reconheceu-se que somos escravos do trabalho pelo modo que é esta relação.
- Abdicar-se da vida que levamos para tornar-nos militantes de acordo com o perfil sugerido.
- Dar valor aos modelos de movimentos existentes desde que estes tenham afinidade ou ligação com o movimento político que venha para romper a estrutura que existe.
- A necessidade do jovem em viver, lutar ou morrer, realizar diariamente a transformação social (fazer diariamente)
- Ser PJMP todos os dias em qualquer espaço, em qualquer debate;
- O trabalho de base deve ser árduo e fundamental no processo de transformação e de articulação de massa.

Grupo 05 (Paulinho, Eliene, Nina e Márcia)

Diante de toda reflexão feita pelo Mauro Kano, continuamos com a mesma percepção de organização, aonde os jovens acabam se reunindo, mas não percebe seu potencial transformador e organizacional, porém na união deste dois amplos “mundos” que é “juventude” e “popular” o Mauro conseguiu nos ajudar a compreender e diferenciar os diversas formas de reorganização os movimentos, também nos foi ressaltado as particularidades da juventude que permeia estas organização.

Grupo 06(Alzianny, Edenildes e Geovane):

Organização popular tem diversas formas de luta e transformar a realidade. Nós temos a mística que nos move e as formações são as causas que nos fazem mobilizarmos para a luta. Aprendemos ainda que a disponibilidade é critério para um militante e que devemos ter capacidade e conhecimento da base, além disso, está na base.

Grupo 07 (Lidiane, Dênis, Lauro, Paulo):

A PJMP é um movimento de interdependência que se encaixa em diversas formas dependendo do momento, podendo ser um movimento de massa, popular,

de luta econômica só que sempre deve estar inserida no movimento político. Aprendemos que para ser uma organização popular é preciso existir. Uma unidade entre os grupos de juventude, pois estando em sintonia o trabalho e a luta será alcançada.

Depois conversamos sobre o tempo comunidade da 1ª Etapa para esta;

➤ **Amazonas:**

A PJMP é apenas reconhecida na área missionária São Francisco e São Lucas, e realizamos vários momentos nas casas dos jovens:

1º Momento- Identidade da PJMP conduzida pelo Padre Alberto Panichella.

2ª Momento - atividade formação sobre Afetividade, facilitado pela feminista Agar tinha em média 25 jovens.

3º Momento- escola local da PJMP Compareceram 50 jovens.

A atuação da PJMP de Manaus e o resultado da escola foi o sucesso do DNO lá, Alzianny, Elton, Edenildes e Eric são representantes estaduais da campanha contra Violência e o extermínio de Jovens.

➤ **Goiás:**

Conseguiram realizar três eventos, sendo eles: DNO, DNJ e lazer para os e as jovens.

➤ **Rio Grande do Norte:**

Fizemos algumas visitas, estamos acompanhando a juventude local que vieram da catequese de crisma onde tentaram despertar a curiosidade de ser PJMP, e que por enquanto eles estão se prendendo no acompanhamento na base.

➤ **Distrito Federal:**

Não teve êxito no que ela esperava, que era o trabalho de base, pois o grupo de 05 se reduziu a 02 pessoas Breno e Daniela, diante dessa situação Daniela pede ajuda dos outros estados.

➤ **Bahia:**

Fizemos um planejamento na escola, quando chegamos na diocese ficamos meio perdido sem saber ao certo o que a escola queria de fato do tempo

comunidade, mas conseguimos desenvolver um bom trabalho em duas paróquias e estamos desenvolvendo em outras duas.

Diante dessa reflexão quais os ambientes que estamos? Qual foi a metodologia que podia dar conta disso? As escolas rurais utilizam a pedagogia da alternância, esse sistema de ensino tem como objetivo tempo escola e tempo comunidade de acordo com a sua realidade, e esse tempo são feito de um acompanhamento. Foi a partir dessa pedagogia que pensamos na nossa escola. A tarefa é orientar para o trabalho de base, pois o nosso papel aqui é sermos multiplicadores da PJMP nas nossas dioceses.

Fizemos a leitura em conjunto do texto orientador: Planejamento pedagógico tempo comunidade: orientações para sua elaboração.

Aspectos gerais para a elaboração do planejamento:

- Introdução;
- Justificativa - importância do meu trabalho;
- Objetivo Geral – macro que quero realizar, linha de chegada;
- Objetivos específicos – passos;
- Metodologia- Princípios orientadores;
- Recursos – o que necessito para dar conta do projeto;
- Avaliação – auto – avalia e avalia a proposta;
- Planejamento de ação.

Logo depois Claudia deu inicio a construção juntamente com os cursistas o Plano de Ação.

Terceiro dia Iniciou com uma mística e a memória do dia anterior, os alunos foram encaminhados para outra sala, onde de forma cênica se encontrava no meio da sala uma jovem ao chão amarrada, nos questionavam o que se pode perceber nesta cena e quais são os sentimentos que surgiram, logo muitos falaram de: abandono, falta de respeito, descasos, entre outros. A partir disso o que se pode fazer de concreto nesta cena para reverter essa situação, então os e as participantes tiraram a venda dos olhos da jovem e as amarras, diante da jovem já desamarrada encontrava-se um pão, então como gesto concreto ela partilhou o pão entre todos e todas.

João Simão iniciou perguntando aos cursistas sobre as suas expectativas em relação mundo do trabalho, direitos humanos entre outros e pediu para que os cursistas colocassem em uma tarjeta. Depois cada um/a socializou no grupo o que havia escrito nas tarjetas e se apresentaram, Simão se apresentou, e falava que antes de iniciar se faz necessário fazer a leitura de mundo, tendo sempre em mente que cada pessoa tem sua leitura de mundo, vivemos no coletivo e pensamos nele também. Na PJMP aprendeu três coisas importantes:

1ª Expectativa do mundo;

2ª Mudar o mundo se faz coletivamente através de grupos, movimentos, entre outros;

3ª A PJMP deve estar inserida no mundo, pois a mesma é religiosa e católica, mas tem que estar inserida no mundo e fazendo análise do mundo.

Simão também falou um pouco sobre sua vida e um fato muito interessante foi à questão de ter vindo para Recife-PE, para ser padre, chegou a ser seminarista na época de Dom Hélder, e quando Dom Hélder saiu, os seminaristas sofreram um impacto muito grande e conflitante em relação à teologia vivenciada nos estudos e o que queriam e acreditavam.

Foi feito um exercício que levou os e as cursistas a pensar como vemos esse mundo em que vivemos e seus aspectos a partir do olhar de cada um/a, em seguida Simão pediu para que os e as cursistas expressassem isso colocando artisticamente na cartolina e nesse diálogo tecido na roda de troca de saberes, cada um e cada uma foi colocando a sua ideia.

Logo depois Danny trouxe as notícias dos estados, no correio da escola nacional criado para nos manter informados/as. Logo após o assessor convidou a todos/as para a roda pedindo que caminhassem fazendo a leitura em relação ao cartaz que construíram, para poderem ver as diversas formas de leitura de mundo e ver o mundo a partir do olhar do outro, depois fizeram a socialização falando de sua visão e do que conseguiu perceber da leitura dos/as demais.

Existe uma coisa muito importante na conjuntura é a informação e como ela está chegando até nós. A partir daí foram passadas as seguintes tarefas:

1-Quais os poderes que estão por traz do que dizemos?

2-Qual é o conflito existente?

3-Destacar os acontecimentos ocorridos em nossos estados;

5-Qual á repercussão disso?

Foram divididos grupos para a realização e discussão da tarefa e em seguida a socialização.

Outro mundo não precisa necessariamente está inserido em um grupo, mas sim no momento em que pensamos. Pensamos de uma forma orgânica quando estamos inseridos em um grupo. O capitalismo não é uma coisa de hoje, mas algo muito antigo.

A conversa sobre a análise da realidade foi sendo construída com a participação de todos/as, essa conversa aconteceu de forma bem espontânea, os temas mais abordados foram às questões sociais, com ênfase na marcha da maconha e nas questões educacionais. O que condiciona isso tudo (o jeito de pensar, agir...) ou o que determina? Como é que se atribui o poder a alguém? Para isso é necessário perceber a nossa forma de ver e agir nesse mundo. Como está nossa relação com o outro e com nos mesmo? Dentro disso tem uma análise geracional, questionamento do ser e estar no mundo.

Todos nós somos filhos/as de trabalhadores/as e queremos ser, se estamos considerando na compreensão de mundo essa situação isso é valido. Depois desse diálogo foi visto a pesquisa intitulada de Projeto sonho brasileiro. O grupo discutiu e socializou do que entendiam sobre trabalho.

Visita Lurdinha a Mãe da PJMP

Lurdinha foi acolhida por todos e todas, nos falou sobre a fundação da PJMP, falou também que se afastou um pouco por problemas pessoais, mas que pretende voltar e contribuir no que poder.

Como foi o início de tudo? Na década de 70 nós tínhamos aqui em Recife uma Pastoral genérica. Era que os jovens do meio popular eram abafado e não ocupavam o seu lutar e foi em meio a esse realidade que se começou a pensar em criar uma Pastoral que favorecesse a juventude empobrecida, em 1978 criaram o Movimento do Jovem Popular, com um subsídio os questionamentos de quem somos? O que queremos? Foi a partir dessa análise de quem era que se começou a descobrir quem eram enquanto coletivo e quem sou eu? Quem é a minha família? O que quero? O grupo fazia essa análise. Tudo foi nascendo a parti da prática, elegemos representantes de cada grupo e foi a partir dai que os jovens começaram a se descobrirem. Fomos nos fortalecendo por setores, e foi dai que a PJMP foi ganhando corpo isso levou anos, e depois disso resolvemos criar o encontro diocesano, a assessoria se deu a parti do convite as pessoas.

Caminhamos a parti da nossa experiência, Lurdinha foi para o encontro nacional de assessores onde só tinham padres e foi a primeira mulher a participar da comissão nacional de assessores.

Sobre a relação da PJMP com Dom Helder, o Dom nos deu uma salinha, a relação era muito interessante e muito tranquila. Lurdinha esteve atuante na PJMP desde o começo até 1992, tinham um propósito muito claro que era colocar a juventude para assumir o trabalho. Começou sua caminhada com 20 anos, enfatizou o quanto é bonita a nossa história. A preferência pelo/a jovem era uma coisa unicamente de Dom Hélder.

Sobre a relação da PJMP com o contexto da ditadura, Lurdinha nos falava que um dia resolveram cantar uma música de Vandrê com toda a felicidade e cantar essa música em uma reunião de jovens foi muito bom. Os padres falavam que o nome Meio Popular já trazia o nome do comunismo. No tempo da ditadura tinham muito cuidado para não se expor demais para não serem presos.

Logo após nossa maravilhosa conversa cantamos o hino da PJMP com a nossa amada Mãe, tiramos fotos e entregamos um cartão artesanal assinado por todos à nossa Mãe.

Depois retornamos para a análise de conjuntura com João Simão, que nos falava que trabalho é movimento e ao longo da história vai ganhando significado e

sentido, e as condições coletivas nos ajudam a realizar trabalho. O grande conflito da humanidade é o do capital x trabalho. Há anos atrás as pessoas tinham a ideia que à gente deixava de ser jovem quando começavam a trabalhar. O que é sustentável no trabalho? Assistimos a um vídeo que nos apresentava uma concepção de trabalho. O capital incorporou a concepção de trabalho coletivo, nas empresas fala-se muito em trabalho em equipe.

Devemos perceber o trabalho como a transformação das coisas. Inclusive os capitalistas trabalham, os empresários trabalham, mas a riqueza que gerada é somente para eles.

Discursão dos/as cursistas: Os produtos que são socializados nas feiras de economia solidária, não representam o que elas propõem. A economia solidária é uma forma de produção que não visa somente o lucro, mas que tem na sua produção e distribuição que é outra lógica de organização.

Simão, diz que é necessário trazer sempre na nossa discussão o tema do trabalho, porque é preciso pensar sobre quem tem a riqueza. Todos nós somos pessoas que pensamos, sentimos e agimos e isso por sua vez tem haver com nossa compreensão de mundo. Discute-se hoje que todos/as tem direito ao trabalho. Sobre “O capital”, pois foi Marx que percebeu que o capitalismo se alimenta da expropriação do trabalho. A divisão do trabalho é outra discussão séria, porque nossa sociedade diz que o trabalho intelectual deve receber mais que o trabalho manual.

Simão, fala que para ele quatro coisas são constituintes de uma análise de conjuntura:

1. *Gênero;*
2. *Fator geracional;*
3. *Luta de classe;*
4. *Raça e etnia.*

Entendendo que outros elementos possam ser somados como a questão da orientação sexual e as relações de poder.

Existe preocupação com a forma de pensar linear, fomos acostumados/as bíblicamente à espera de um reino de Deus que vem do céu, condicionados a ter essa esperança de forma acomodada. Outra coisa é que sempre rotulamos que o capitalismo é mau e o socialismo é bom, temos que nós aprofundar nisso. Finalizamos esse momento cantando a música: Caminhando e cantando.

Na quinta-feira iniciamos com uma mítica onde o grupo fez uma reflexão sobre os/as jovens que vivem em situações de crise como depressão, abandono, fobia e dentre outros. Simeão falou que são vários os desafios que temos no dia-a-dia, e começou o seu bloco passando a seguinte tarefa: Que os e as cursistas fizessem um cochicho e fizesse uma pergunta à economia solidaria. Discussão dos e das cursistas sobre a economia solidaria: No Ceará há focos de exploração muito grande das crianças e adolescentes e lá eles trabalham a família, principalmente o ser mulher nessas realidades, na confecção de bonecas de pano e hoje a gente trabalha para quebrar a lógica da boneca perfeita que tem quer ser a do mercado capitalista. Perceber que a lógica da economia solidaria só existe na prática, porque ainda é predominante a comercialização capitalista. A economia é solidaria quando a gente compartilha, se isso não acontece isso não existe a economia solidaria. Tem relação de teoria e prática.

Denílson veio falar sobre economia popular solidaria para os/as cursistas, ele se apresentou e falou que era educador popular, e está dando formação na escola da CUT. Na economia solidária quem vai definir o desenvolvimento é a proposta, é uma relação de pensamento sobre o relacionamento do ser com tudo que o cerca, isso levará a práticas de companheirismo e de pensamento não só voltado para si, mas para o outro. Não estamos para o capital, não é um símbolo ou uma moeda quem vai definir valores, nela não existe só uma moeda, mas várias (a moeda das relações). A economia solidária exige que as pessoas mudem de atitude, porque vai mexer com conceitos, preconceito dentre outros, e as pessoas não querem isso. Denílson fez um breve histórico sobre a economia solidária e falou que é como um parto em que vem a dor e depois vem à sensação de alegria por está surgindo uma nova vida. Temos debatido sobre as concepções, e não estamos debatendo sobre isso porque estamos com medo, pois todas as vertentes de concepções se resumem em uma a economia solidária.

O governo Lula instala uma política pública para a economia solidária, mas não deu suporte necessário para que ela se desenvolvesse, pra dar suporte a ela foi criado os centros de formação nas cinco regiões do país.

Hoje no mundo urbano fala-se sobre as questões sociais que somos contra e favor ao mesmo tempo. Não há uma gota de olhar de esperança no olhar para a população, nós estamos sempre focando as questões sociais. A solidariedade foi uma das coisas que o capitalismo acabou. As tribos indígenas vivem um modelo de economia totalmente diferente da que nós vivemos (exemplo: o índio pesca o peixe não só para ele, mas para todos e tem quem prepare) na sociedade indígena eles não produzem para o acumulo e sim para a sustentabilidade (vive um dia de cada vez). Simão pediu para que os alunos pesquisassem sobre a sociedade do bem viver (Chile). A economia solidária tem quer ser nossa e não do estado. E assim encerra o seu bloco. Nós fizemos os agradecimentos, entregamos camisas do congresso dos 30 e uma bolsa que de forma simbólica cada um e cada uma colocou algo que simbolizava sua terra.

Início do Bloco da Teologia da Libertação: Drance se apresentou e falou que participou da PJMP desde seu início, fez militância no nordeste todo, participou de diversos encontros e presenciou a expansão da PJMP.

No primeiro momento fez uma reflexão sobre o modelo de sociedade a partir , e fez também uma reflexão sobre a teologia da libertação, refletindo como a juventude se relaciona com sua fé libertadora. Tudo isso a partir de um texto que resume o filme de Dom Oscar Romero. Nós temos dentro do contexto uma realidade de governos militares, capitalista, déspotas e a questão da religião estão inclusa também, a teologia da libertação é para fora da igreja, mas ela é da igreja. Por que a igreja católica deixa de se relacionar ainda com essa teologia? Qual é de fato essa questão de não se relacionarem? A Teologia da libertação nasceu na igreja latina, à questão da libertação não é só de hoje é desde que existe humanidade, essa luta por libertação é muito antiga, o livro do êxodo é uma porta de entrada para que o povo entendesse a força e o poder de um Deus libertador. O assessor deu ênfase ao despojamento de São Francisco, e relembra a opção do santo pelos pobres e a Igreja começa a se questionar sobre suas doutrinas e sobre o jeito de ser Igreja.

Em termo da América Latina, é época de governos militares sobre a dominação do capitalismo e ai esse governo é aliado, existem várias reflexões sobre

Deus e várias experiências vividas também sobre ele, então o que a gente reflete sobre Deus? Faço a experiência que o Deus que eu acredito é diferente do Deus do outro? Portanto existe várias imagem de Deus.

A igreja católica se organiza internamente como um sistema feudal, as primeiras comunidades aconteciam nas casas do povo, depois do século III foi que ela mudou até chegar à igreja como a conhecemos.

Depois de toda uma boa discussão sobre o texto passado pelo assessor assistimos ao filme de Dom Oscar Romero.

Na Sexta-feira tivemos a Oração da manhã e memória do dia anterior, depois Drance deu continuidade aos trabalhos lembrando o filme assistido na noite anterior e pediu que os e as jovens respondessem: O que o filme diz ou revelou acerca da teologia da libertação? É a teologia que nós dizemos que partilhamos e que nos deixa em contato com Deus?

Colocações: O filme ter mostrado como surgiu a Teologia da Libertação despertada pelo sofrimento do pobre, pelo outro, e não por nós mesmos (enquanto ser individual). Compararam o filme com a realidade brasileira na época da Ditadura militar, com a diferença de que o envolvimento dos padres na luta armada em El Salvador foi mais intensa. No Brasil sabemos de outros lutadores da época, mas não padres. Lembrou que o D. Oscar Romero e D. Helder Câmara foram líderes religiosos na mesma época e vivenciaram a experiência de repressão. No filme percebemos que a Teologia da Libertação é complicada de se seguir, pois não é só por sua causa, é sua e dos outros. E por haver tanta perseguição a quem a seguem, talvez por isso haja o enfraquecimento da Teologia da Libertação. Penso que muitos se afastam por tentar ser mais comedidos, pregando uma “paz” que para nós é omissão, um meio termo. O exemplo dos padres que tomaram as armas para se defender, temos que usar a violência para nos proteger? Deu para perceber a comunidade organizada, as CEB's, como são importantes e naquele momento era algo tão simples. As pessoas se reuniam pra falar das suas vidas e como isso era perigoso para os poderosos. As pessoas muitas vezes nem sabiam como eram importante para esse povo à luta, não sabem como era tão ameaçadora para a elite. E como a igreja abandonou a luta individual do padre, e do bispo. Enfrentando o restante do clero. O próprio D. Romero adotou a Teologia da Libertação não por

opção, mas como consequência. A Teologia da Libertação é um chamado, surge, e não escolhemos.

Dance fez uma observação de que a religião Cristianismo vem antes da igreja católica, antes havia a religião judaica antes da morte de Jesus, depois os que andavam com Cristo criam por dentro do judaísmo um movimento, Cristo não rompeu com a religião, e sim com as leis dentro da religião que causavam opressão. Havia muito seguimento na época pelas leis que acabavam por oprimir. Depois da sua morte, o movimento continuava em sua memória, tendo que, posteriormente sair da religião, o cristianismo nasce então dessa ruptura. A história do Cristianismo nasce do processo de rebelião, de escravos. Se tomarmos a história do cristianismo com a libertação de Moisés, vimos uma semelhança. Nasce do processo de indignação da sociedade que vive repressão e é libertária na sua origem. Quando a igreja católica surge, o cristianismo começa a ser praticado dentro de uma instituição, que vai ampliando a religião; com a igreja e o cristianismo vai tendo um distanciamento dessa história. A igreja passa a pregar a si mesma enquanto instituição e esquece-se de pregar o reino de Deus. Então hoje a Igreja não está preocupada com o reino de Deus, muitos cristãos só querem o poder de Jesus.

Nós queremos ter as atitudes que Jesus teve? As pessoas tendem a querer ações das forças sobrenaturais, buscando a salvação, as pessoas não estão preocupadas em seguir Jesus e sim com o poder de Jesus. Se tomarmos hoje o cristianismo na América Latina, a grande marca é a busca por esse poder. A Teologia da Libertação quando nasce refletindo a continuidade de um cristianismo libertário, baseia sua reflexão na prática de Jesus. A Teologia da Libertação antes de pensar nos dogmas, teorias, liturgias, pensa nas práticas, na vivência, para pensarmos sobre isso sob a lógica de que Deus nos quer agindo no mundo. A Teologia da Libertação herda a libertação do povo Judeu antigo.

Pode estar à miséria que estiver lá fora o povo está na igreja orando. Na trajetória que vimos no filme, é a conversão de um padre que estava numa experiência de igreja altamente conservadora, que tinha um tipo eclesial muito em sintonia com as elites locais e nacionais. Vimos seu processo de conversão, que de fato aconteceu em El Salvador, na América Latina como no Brasil, que viveram histórias parecidas. Não é fácil aceitar um processo de mudança de pensamento,

Moisés mesmo antes de se converter teve dúvidas, e quando viu o seu povo morrendo, houve a mudança, também com D. Romero aconteceu isso, quando viu seus irmãos morrendo, viu a realidade dos pobres e mudou.

Drance ajudou-nos a refletir ainda de que as mudanças ocorrem com a visão da realidade, sentir a realidade pra sentir a necessidade de transformação. Que no filme também ocorreu assim. Quem nos converte não é a teologia em si com a reflexão, mas quem converte é a realidade. Em todos os processos libertários, as pessoas sofreram impacto da realidade que não conheciam, a conversão de D. Romero pela luta do povo salvadorenho, foi um processo, quando ele vê a realidade quando ele vai mudando de fato. Tomando posteriormente a luta de um povo. A igreja de Roma não assumiria com ele a causa do povo salvadorenho nem a teologia que ele seguia e ele se viu um pouco sozinho.

Drance, afirmou que a luta armada é importante, mas deve ser adotada quando está em último caso, quando outras alternativas não são possíveis. A própria doutrina da igreja afirma isso, que quando esgotadas todas outras formas, aí sim é necessário pegar em armas. Todos os processos revolucionários significativos ocorreram com derramamento de sangue. Inclusive há dúvidas se a democracia representativa é um instrumento de melhoria.

A Teologia da Libertação nasce então onde há contexto de dominação, a gente percebe que as bases teóricas dela, tomam o livro Êxodo como referência, onde havia contexto de dominação, e na época de Jesus também havia processo de dominação, outros momentos libertários, com processos de dominação, a religião em parte adere e em parte não, a esses movimentos libertários.

A Teologia da Libertação nunca terá uma adesão completa. A igreja tem um corpo hierárquico com muitas divisões, numa mesma diocese os padres não tem a mesma prática eclesial, numa reunião de bispos no Brasil observa-se uma unidade, mas tem divergências entre eles, política, ideológica, idealista. Há esforço para passar um consenso para a sociedade, mas há conflitos internos. Nós praticamos uma teologia, a Teologia da Libertação, mas é uma dentre outras que existem dentro da igreja.

Tem Teologia da Libertação que é refletida a partir de jovens, de negros/as, das mulheres, de homossexuais, e cada sujeito faz a teologia a partir da opressão em que vivem. A Teologia da Libertação feita a partir da juventude é pela juventude oprimida, empobrecida.

Em seguida foi feita a leitura e discussão do texto: “A Teologia da Libertação na América Latina”, escrito por Ivone Gebara. Destacamos duas questões: A forma como Jesus é apresentado, como o portador da libertação e nós como continuadores da libertação, isso é forte na nossa compreensão do papel de Jesus Cristo na nossa vida. E a outra coisa é o momento do declínio da TL, que já não se permite ir mais à luta e nesse momento estamos descobrindo como fazemos para chegar às novas linguagens dos/as jovens, hoje não há mais ditadura, e temos que chegar às necessidades atuais e mudar o discurso para a juventude de hoje. Não é só a PJMP que passa por isso, as CEB's, teólogos, tentam hoje passar a mensagem.

Drance considerou que a salvação mencionada no texto é compreendida de várias formas na história, uma delas como se libertar dessa situação de repressão, de fazer uma luta de se buscar isso concretamente, outra coisa é se querer uma salvação vinda do céu. “Às vezes ficamos com uma boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar” como dizia Raul Seixas, tendo uma vida inerte. Uma libertação é algo pessoal e outra é uma libertação coletiva, de se sair de uma realidade. A teologia dominante durante certo período da igreja é essa de se esperar cair do céu, outra percepção é lutar pela vida num mundo em que nos foi dada a vida. Se me foi dada eu tenho que lutar por ela, aqui e agora. Enquanto estivermos vivos temos sim que lutar por ela, individualmente e coletivamente. Não é fácil, e essa teologia nos quer dentro de um compromisso com a história e com Deus.

A fé não pode ser algo morto que nos afaste da realidade. A libertação no início da Teologia da Libertação era sobretudo econômica. Desenhamos a representação de Jesus como um combatente. Com a indignação pela realidade em que viviam. Jesus questionava as leis do judaísmo, inclusive as leis que proibiram o povo de comer em certos períodos. Se estivermos sentindo fome aqui e agora, devemos matar a fome agora. A vida é maior que a lei. A Teologia da Libertação surge para que as e os cristãos e cristãs, encontrassem formas para lutar e mudar sua

realidade. Muitos cristãos se engajavam na luta com essa perspectiva em formas diversas de organização impulsionando o surgimento de movimentos sociais na América Latina. Incomodando além de uma parcela da igreja também o imperialismo norte americano. Sendo que acusaram inclusive que a Teologia da Libertação servia de correia transmissora dos movimentos sociais e influenciaram a igreja romana a agir contra essa teologia. Os EUA inclusive se sentindo ameaçados por essa teologia escreveram documentos para Roma tentando conter esse movimento, então compreendemos que foi também interferência política e não só ideológica para travá-la. As teologias entram em crises, dependendo do contexto em que estão inseridas, assim também aconteceu com a Teologia da Libertação, e assim acontece com várias teologias. Então há que se rever o discurso quando a realidade muda.

Precisamos de novos referenciais para entender o que estamos vivendo hoje, e não utilizar os referenciais do que acontecia em outras épocas. Existem novas formas interpretativas. Perceber Jesus hoje como revolucionário não é do mesmo modo da luta armada contra a ditadura. Temos que fazer a leitura do que é hoje.

Nesse momento recebemos Padre Jimerson, da arquidiocese de Recife-PE, nos deu as boas vindas, falou um pouco sobre o histórico da caminhada das Pastorais da Juventude em Recife, e da importância das PJ's, em especial à PJMP para trazer a juventude para sua realidade.

Drance ao retornar explica que as Teologias se reinventam, tentam se adaptar mantendo sua prática viva. A Teologia da Libertação sofre influências hoje pelo que acontece no mundo e para isso temos que entender o que se passa no mundo hoje, atualmente a globalização é uma face da dominação, os países ricos, além de programarem uma globalização econômica, também promovem dominação cultural. Há uma face dominadora que tem que ser incorporada no discurso da Teologia da Libertação. Além disso, a questão do mercado atualmente que ocorreu mudanças deve ser considerado, o capitalismo está bem estruturado e instalado globalmente. O mercado tem que ser avaliado nessa perspectiva, e continua sendo capitalismo opressor. O socialismo vivenciado no leste europeu morreu, mas o ideal do socialismo não. A história é dinâmica movida pelas contradições inerentes a ela mesma, é claro que o capitalismo está no seu momento de dominação, mas não

quer dizer que acabaram as ideias socialistas. E tem que ler as peculiaridades locais.

O pobre de quando surgiu a Teologia da Libertação mudou também, mas ainda é pobre, ainda há opressão, então a Teologia da Libertação tem que saber fazer essa leitura. Existem teologias criadas a partir de discussões de gênero, existe a teologia negra vivenciada fortemente na África, existe teologia ecológica, vista por Boff de forma cósmica, holística, uma realidade em relação ao planeta que deve ser mudada.

A alienação que víamos em outras épocas é a mesma, existe, e tem que se incluir nos estudos. Os jovens estão ficando muito midiáticos. Estão se fechando nas casas, tanto pela violência, como pela revolução tecnológica, em que se fecham nos seus quartos interagindo por meio de redes sociais em computadores, perdendo a interação face a face.

Depois acolhemos Ulisses, assessor da PJMP de Sergipe e do Regional NEIII. O mesmo se apresentou dizendo de onde vinha, o que fazia atualmente.

Retomando, Drance diz que a liberdade nunca é o direito de fazer o que as leis permitem. Não nascemos para isso, nascemos para a liberdade. A liberdade do Cristão está em Deus. As leis vêm para dizer como devemos nos inserir, mas não é uma verdade absoluta. As leis também mudam, a depender de sua necessidade, determinado pela nossa cultura. Exemplificando, o Estatuto do Idoso foi necessário para que haja o respeito ao idoso, mas em outras culturas não é necessário porque o respeito já existe. Em algum momento o estatuto do idoso será obsoleto, mas determinado culturalmente.

A liberdade de expressão não pode ser restrita ao meio de comunicação, ela é de todo mundo. Na ditadura tínhamos a situação: Se pensar não fale, se pensar e falar não escreva, se pensar falar e escrever não assine. Infelizmente houve tal situação, mas hoje em dia ocorre uma diferença, no entanto, ainda há comprometimento da liberdade de expressão. Sabemos que há situações difíceis, delicadas.

Temos que rever nossas convicções, as coisas estão constantemente em mudança. A PJMP tenta manter sua identidade, sua visão, e não quer romper com a

igreja. Tem que saber como ser aberto às novidades, aos diálogos, à conjuntura, sem perder a essência. Isso é perceptível com relação à cultura. Quando se muda, há diferentes pensamentos, práticas, tem que observar pra começar a dialogar, é um desafio.

Logo em seguida assistimos a um documentário sobre D. Helder Câmara, que mostrava sua vida e luta. Foi feita um dinâmica de integração do grupo e depois o assessor expôs alguns princípios básicos subjacentes a maioria dos escritores sobre teologia da libertação.

1) A Luta contra a idolatria como inimigo principal da religião, isto é, contra os novos ídolos da morte, relacionados a:

- a. *Bens materiais;*
- b. *Riqueza;*
- c. *Mercado*
- d. *Segurança nacional;*
- e. *Estado;*
- f. *Força militar;*
- g. *A “Civilização Ocidental Cristã” porque a relação entre oriente e ocidente tende a achar que um seja superior ao outro. A religião cristã por um bom período é uma religião dominadora no ocidente. Em toda a história, têm-se guerras devido a religiões.*

A crítica então é a divinização que se faz sobre estes itens. A Teologia da Libertação em todos os seus escritos combatam tais idolatrias;

2) Libertação humana histórica como a antecipação da salvação final em cristo, o reino de Deus;

Dá-se a partir da nossa percepção de que a questão da salvação, ou da libertação passa por um assumir histórico, tal como pensava Jesus no reino de Deus. O reino de Deus é uma expressão de desejo, tanto é que para Cristo explicar aos discípulos o que é o reino de Deus, ele contava uma história e deve-se observar a questão moral por trás da história. Temos que fazer que ele de fato aconteça já. Jesus aponta para coisas concretas que acontecem para a construção desse reino, no entanto ele ainda não está em sua plenitude. Essa libertação ocorre em processos históricos, buscando um

momento pleno de realização, mas antecipando ele na nossa história, com ações concretas em prol da construção desse reino.

3) Crítica da teologia dualista tradicional;

A teologia da libertação não é descendente, não se reflete de Deus para a Terra e sim da Terra para Deus. A teologia dualista prega Deus no céu, e nós na terra, sendo coisas separadas, com Deus sendo um ser totalmente poderoso, distante da Terra. Na teologia dualista Deus é visto como um ser infinito, transcendente, que move todas as coisas, que criou todas as coisas e não foi criado e nem é movido. A Teologia da Libertação quer quebrar essa visão teológica dualista, sendo que Deus é transcendente, mas está entre nós, não vemos Deus de cima para baixo, mas de baixo para cima; temos que encontrar um Deus que conosco age, e não age sem nós. Vem então como uma ruptura da visão dualista, não é buscar Deus nas nuvens e sim com o outro que nós encontramos.

Isso tem uma consequência, pois romper com o dualismo é também romper com uma forma de opressão. Na dualidade Deus estaria num patamar superior, e o povo num lugar inferior, nessa mesma lógica, se pensa na igreja como superior e os fiéis inferiores, um povo superior ao outro, uma raça superior à outra, o homem superior à mulher. O dualismo interfere no modo como vemos nós e Deus e na forma de relações na terra. Na teologia da libertação existe metodologicamente a ideia não de dualismo, mas de unidade entre a história da salvação e da humanidade.

4) Nova leitura da bíblia que toma o livro de Êxodo como paradigma da luta de um povo escravizado por sua libertação;

Explícito no texto estudado anteriormente, o Êxodo conta a história de libertação de um povo escravizado, então a bíblia toma uma nova leitura na mão das pessoas. Anteriormente as bíblias não estavam nas mãos do povo, só do padre, a missa era celebrada de costas para o povo e em latim, evidenciando uma distância entre a igreja e os fiéis.

As pessoas tomam a bíblia como instrumento de libertação para uma comunidade. Deixa de ser coisa de especialista, chega aos poucos nas mãos de todos.

5) Forte crítica modal e social do capitalismo dependente como sistema injusto e iníquo, como uma forma de pecado estrutural;

Todos os escritos unanimemente determinam o capitalismo como imoral, nem o neoliberalismo é aceito, o dinheiro ainda é o eixo, o lucro e a exploração é a base do sistema. Apesar de a experiência socialista não ter tido sucesso, ainda é um sonho comum. Tomando exemplos próximos, observamos o agronegócio que concentra terras em grandes latifúndios, criam gado e soja concentrando a riqueza gerada nas mãos de poucos e suprimindo o homem do campo. O capitalismo teria um débito grande com o meio ambiente, o homem se relaciona como ser dominador, que possui todo o controle sobre as florestas e animais. A produção em geral concentra a riqueza nos países ricos e exploram o trabalho e riquezas dos países pobres.

A questão alimentar é uma problemática, pois pela lógica capitalista o consumo é grande e observando o crescimento populacional, haverá em breve falta de alimento no mundo, como já há em algumas áreas.

Haverá outros caminhos e a história que vai dizer isso, por meio da luta dos povos contra esse sistema. No ritmo que está será a próxima crise. Não há então o capitalismo humanizado, é necessária uma ruptura, que ocorrerá a partir do povo.

6) Uso das ciências sociais críticas (marxismo) como instrumento sócio analítico a fim de entender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo;

Nos anos 60 e 70 a Teologia da Libertação usou a ciência social crítica, sobretudo o marxismo ofereceu ferramentas eficazes de saber como ocorre a exploração no sistema capitalista. Hoje não só o marxismo, mas a sociologia, a antropologia, a pedagogia de Paulo Freire. O marxismo consegue explicar o porquê o indivíduo é pobre, as causas e raízes, os mecanismos que esse sistema criou para extorquir a riqueza, para daí elaborar as estratégias de ações.

7) A opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta pela autolibertação;

Vemos exemplos de muita gente da igreja, assumindo essa opção preferencial, inclusive nos documentos oficiais de Puebla, Medellín.

8) O desenvolvimento de comunidades cristãs entre os pobres como uma nova forma de ser igreja e como alternativa para o modo de vida individualista;

Hoje a comunidade extrapola o âmbito das religiões, a comunidade é uma relação de sentido coletivo que nos impulsiona a vivermos juntos e caminhar numa perspectiva coletiva. Uma comunidade de base, com características cristãs, feita com e entre os pobres, pois os pobres são quem têm condições de realizar a luta, e dos pobres há de vir o reino de Deus.

Toda riqueza é roubo, roubo dos pobres, pois a riqueza é produzida pela exploração do trabalho dos pobres. Para existir o rico tem que existir pobreza. Mesmo que se ganhe na loteria, a riqueza é fruto da exploração do trabalho, e, portanto foi roubada do povo. Esse discurso é dificilmente aceito pela igreja, pois a igreja é rica, tem muito dinheiro. O cristianismo de libertação latino-americano representa uma inovação radical. Existem teologias de outras religiões, mas a Teologia da libertação é uma teologia cristã, e o cristianismo que essa teologia pratica é um cristianismo também de libertação, em diversas formas:

a) Ao propor a separação total entre igreja e estado;

Essa separação é importante para poder a própria religião cristã como mantenedora da sua crítica. Em diversos momentos o cristianismo se aliou aos modelos de estado. Mas o cristianismo proposto pela Teologia da Libertação rompe com esta relação.

b) Ao rejeitar a ideia de um partido ou um sindicato cristão

c) Rejeitar qualquer sugestão à volta de um catolicismo político.

d) Ao defender a participação cristã, em movimentos ou partidos populares não religiosos. Militando tanto dentro da igreja, como também uma militância em movimentos que visam à transformação da sociedade ou em partidos não religiosos.

O método utilizado pela Teologia da Libertação foi trabalhado por meio de um texto distribuído aos cursistas. Foi feita a leitura comentada desse texto.

O ver, julgar e agir são o método que a Teologia da Libertação utiliza como instrumento. O método parece simples, mas não é. Um bom **ver** se for bem feito vai interferir muito nas tomadas de decisões. Por exemplo: se trabalha com um grupo um tema específico, tem que fazer um retrato da realidade, busca de documentos, reportagens, depoimentos. É por meio do **ver** que virão os outros. A partir do ver, então se faz o **julgar**, tem dois momentos do julgar, uma primeira parte do **julgar**, é

o momento crítico, para entender as causas, o que está acontecendo, pode-se levar em consideração documentos produzidos pela sociedade e por meio de textos bíblicos mostrando o que Deus diz sobre essa realidade, aí se buscam os textos relacionados a esta questão. O processo de julgamento é uma análise, para instruir a ação, a partir dos estudos de como Deus pensa sobre o assunto e demais textos, então se pode tomar o próximo passo. O **agir** pode ser realizado por meio de ações concretas, um grupo para estudos, um clube de mães, projetos culturais. Inclusive a tentativa pode ser a mudança da igreja local. Os próprios documentos da igreja se guiam atualmente por esse método. A Teologia da Libertação utiliza no julgar, textos de origem materialista, como o marxismo, diferente da igreja institucional, que não os considera.

Sobre a relação teologia da libertação com o Vaticano, Drance diz que continuam intensas, os teólogos da Teologia da Libertação continuam produzindo livros, estudos e que ainda há alguns poderosos da elite da igreja que se manifestam contra. Destaca a teologia feminista, as mulheres não tem participação reconhecida na igreja, assim como existem outras forma de teologias voltadas para uma reflexão específica. A Teologia da Libertação começou na década de 60. Ela vive outro conflito nos dias de hoje, com grandes movimentos religiosos e aceitos dentro da igreja católica, que acaba causando divergências em volta da fé.

Drance encerra sua parte e em seguida acolhemos o Diácono Hélio, e fizemos os agradecimentos a Drance entregando uma bolsa de forma simbólica do congresso dos 30 anos do CE. Logo em seguida foi lida a carta de Pe. Alberto.

No Sábado Claudia conduziu o momento avaliativo da escola, que aconteceu da seguinte maneira:

- 1- Temas oficinas;
- 2- Assessores- oficinairos;
- 3- Metodologia;
- 4- Organização – Coordenação;
- 5- Participação – envolvimento;
- 6- Infraestrutura;
- 7- Escolher um aspecto para comentar;

8- Sugestão: Data e local da próxima etapa.

Claudia pede para que sejam avaliadas na dinâmica de atribuir as cores

- Verde (o que foi bom valeu a pena);
- Amarelo (o que poderia ter sido melhor);
- Vermelho (aquilo que foi negativo).

A avaliação foi feita em grupos e depois socializado em plenária:

Grupo 1- Escolheu o item organização: cobranças de algumas pessoas da coordenação que cobram demais, mas não faz sua parte também, além de atrasos, ausência de coordenadores, falta de postura de algumas pessoas da coordenação, relações de poder. Faltou o quadro de responsáveis de coordenadores do dia.

Grupo 2- organização e coordenação: não zelaram pelo cumprimento dos horários, não houve participação dos coordenadores em determinados momentos.

Grupo 3- organização e avaliação: Até quinta pensaram que a coordenação estava perfeita, não teve controle sobre as bebidas. Coordenadores cobram que é para os alunos irem dormir e não fizeram a sua parte também. Não podemos esquecer que somos uma organização, portanto que ela seja plena.

Grupo 4- Colocou que a assessoria foi dinâmica, o material dado foi bem compreensível, exceto o da teologia da libertação que faltou mais um pouco de dinamismo. Destacou a participação de antigos militantes, que contribuíram com seus conteúdos.

Ao final da avaliação foi lembrado para os e as cursistas que faltaram pessoas que haviam se comprometido com a escola e que assim sendo acabou sobrecarregando quem compareceu inviabilizando assim a participação e organização como havia sido planejada anteriormente à realização da escola.

Depois desse momento passamos para as indicações de locais para a próxima Etapa da Escola:

1. Manaus;
2. Ceará;

3. Bahia – Lapa;
4. Rio de Janeiro;
5. Alagoas;
6. Sergipe;

Para definirmos o local seguimos a lógica de eliminação, Claudia retirou a Bahia, percebendo que houveram muitos eventos no referido estado. Márcia retirou o Ceará porque houve o congresso dos 30 anos e isso tirou muita energia. Ana Cácia retirou Sergipe, pois tem local adequado, porém não tem estruturas humanas. Rúbia retirou Alagoas, porque haverá muitos eventos: seminários, conferências, congresso e também já houve uma etapa no regional NE II e isso complicaria a realização da escola. Elton fez a defesa de Manaus: A PJMP tem que ir aos espaços nos quatro cantos do país, nós defendemos porque já estamos pensando na estrutura local e vamos começar a trabalhar para garantir a escola. Guilherme retirou o Rio de Janeiro, pois o estado não tem pernas ainda para assumir a escola.

Assim sendo ficou definido que a III Etapa da Escola Nacional de Formação José Adelar Nunes será em Manaus – AM.

Em seguida passamos para a definição de datas e por consenso ficou a última semana do mês de Julho de 2012. Vimos que temos que ficar atentos/as para garantir, 100% da turma na conclusão da escola em Manaus – AM em 2012.

Depois fizemos a mística e a entrega dos certificados da Escola e num grande ILEAÔ, finalizamos a II Etapa da Escola Nacional de Formação José Adelar Nunes.

Participaram da Escola 37 jovens, vindos (as) dos Estados da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Goiás, Paraíba, Ceará, Manaus e Brasília.